

Agostinho da Silva

Pensador do Mundo a Haver



Actas do Congresso Internacional do Centenário de Agostinho da Silva 15-17 de Novembro de 2006



U. PORTO

Co-organizado pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa,
Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa,
Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
e Associação Agostinho da Silva

Organização e Introdução de Renato Epifânio
Prefácio de Paulo Borges

Zéfiro



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



50
anos



Associação Agostinho da Silva

ventos da
LUSOPHIA

Agostinho da Silva

Pensador do Mundo a Haver

Organização e Introdução de Renato Epifânio
Prefácio de Paulo Borges

Agostinho da Silva

Pensador do Mundo a Haver

Organização e Introdução de Renato Epifânio
Prefácio de Paulo Borges

Zéfiro

A stylized line drawing of a leaf, likely an oak leaf, positioned below the word 'Zéfiro'. The leaf has a central vein and several smaller veins branching off, with a wavy, serrated edge.

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

Apoio:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



Associação Agostinho da Silva

Rua do Jasmin, 11 r/c – 1200-228 Lisboa
Tel: 213422783 – 967044286
www.agostinhodasilva.pt
agostinhodasilva@mail.pt

Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa
Tel: 217823000
www.gulbenkian.pt
info@gulbenkian.pt

Título: Agostinho da Silva – Pensador do Mundo a Haver

Organização: Renato Epifânio

Prefácio: Paulo Borges

Impressão: Digital XXI – Soluções Gráficas

Distribuição: Contra Margem – *Tel: 919666918*

1ª Edição: Abril de 2007

ISBN: 978-972-8958-34-3

Depósito Legal: 256 290/07

© 2007, Associação Agostinho da Silva & Zéfiro



Zéfiro – *Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.*
Apartado 1047 – 2856-909 Corroios – Portugal – Tel.: (+351) 914848900
www.zefiro.pt – zefiro@zefiro.pt

BAPTISTA, MARIA MANUEL

Uma fraterna oposição: Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço na cultura portuguesa.^{1**}

(...) O 'polemismo' da meditação de Agostinho da Silva
não é o da 'guerra' humana ou ideológica
e muito menos o da vulgar maledicência.
A sua 'guerra' nasce de um excesso de amor.

Eduardo Lourenço, 1960

Eu sinto-me cada vez mais apaixonado,
mas por coisas que a matemática não prova que existam. (...)
É claro que eu acredito no Quinto Império,
porque senão o acto de viver era inútil.

Para quê viver se não achássemos que o futuro vai trazer-nos uma solução
que cure os problemas das sociedades de hoje?

Agostinho da Silva, 1997

A obra, a reflexão, a escrita, as escolhas de vida e até a sensibilidade de Agostinho da Silva são, digamo-lo sem rodeios nem hesitações, essencialmente diferentes das de Eduardo Lourenço. Apesar disso, muitos são os pontos de contacto entre ambos, que têm desde logo em comum o facto de abordarem algumas das questões centrais e recorrentes com que a cultura portuguesa se tem debatido desde sempre. Acontece, porém, que as tratam e resolvem de maneira diferenciada e, nalguns casos até, de forma antagónica.

Pertencendo embora a gerações diferentes (separam-nos quase duas décadas) e tendo vivido e estudado em lugares geográficos diferentes (Lourenço é beirão e estudará em Coimbra acabando por se estabelecer em França, enquanto Agostinho da Silva viverá a sua infância no Douro transmontano e estudará no Porto, para viver os anos da maturidade no Brasil), as suas vidas acabam por se cruzar no Brasil, em 1959², no único ano em que Eduardo Lourenço lecciona filosofia, na Universidade da Baía. O encontro foi relativamente breve, mas deixou marcas vivas em Lourenço que o recorda do seguinte modo: «(...) Só o acaso de uma errância brasileira me fez

^{1**} Toda a correspondência sobre este artigo deve ser enviada para Maria Manuel Baptista, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 3810 Aveiro, Portugal, ou para o seguinte endereço electrónico: mbaptista@dlc.ua.pt

² Refira-se, no entanto, que Eduardo Lourenço toma contacto desde muito jovem com a figura e obra de Agostinho da Silva: «Como toda a gente da minha geração, conheci Agostinho da Silva através dos célebres fascículos, vendidos então a quinze tostões, que punham o público leitor, culto ou popular, na intimidade de grandes figuras e, sobretudo, grandes e saborosos textos do passado. O primeiro que comprei foi sobre Stendhal, autor então em vias de reconhecimento universal e hoje, pensando bem, vejo nisso não um mero acaso, mas a chave para a futura inscrição de um homem que foi a Liberdade, mesmo no campo de um autor tão pessoal, tão classicamente inclassificável como o autor da *Cartuxa de Parma*. Mais tarde, li a sua tradução de três ensaios de Montaigne, pai da prosa do corpo, da alma e da inteligência, seu outro modelo - à parte o impessoal dos clássicos da infância - que o da sua própria vida, observados sem complacência, mas também sem reticências» Eduardo Lourenço, "Um Homem Extra-ordinário" (1995/3/7), *A Última Conversa* - Agostinho da Silva, Lisboa, Notícias Editorial, 1998: 11-19.



encontrar o homem dos sete ofícios, profeta, pedagogo, sábio, naturalista por conta própria, em Santa Catarina, onde então Agostinho da Silva era um oficioso secretário de assuntos culturais e, como sempre, um polo de vida activamente contemplativa, de que não conheci segundo exemplo. Recebeu-me (recebeu-nos, a mim e minha mulher) como se me conhecesse desde sempre. Com uma enorme e negra aranha dos trópicos na palma da mão esquerda, divertido com o meu assombro e não pequeno temor. A natureza e a sua face misteriosa, terrífica, o símbolo dos pesadelos e das ficções científicas, repousava nas suas mãos como num berço. Tinha domesticado o 'mal' como se ele não existisse. Ou como se ele não o quisesse ver. Não sei se isso basta para perceber que espécie de 'misticismo' era o seu. Mas bastou-me para sentir, e definitivamente, que estava diante de um dos Homens mais extra-ordinários que me foi dado conhecer» (Lourenço, 1998:18/19).

No âmbito do presente estudo analisaremos as principais vertentes em que é possível cotejar aspectos importantes das obras de ambos, Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço, passando sucessivamente em revista os principais núcleos reflexivos presentes em questões como a concepção de Filosofia e Cultura, Cultura Portuguesa, Lusofonia e Europa, o pensamento messiânico e mítico, a questão ética e a preocupação política, a reflexão utópica, o papel da arte e da literatura (e aí a obra de Fernando Pessoa), o pensamento heterodoxo e a questão metafísica e religiosa, entre outras.

1 - A QUESTÃO METAFÍSICA: O MÚLTIPLO VERSUS O UNO

Inseridos numa longa tradição que observamos na cultura portuguesa de relativo desinteresse pela produção de um género de filosofia mais próprio da Europa central ou do norte, tanto Agostinho da Silva como Eduardo Lourenço recusam o tratado como forma onde eventualmente haveriam de vazar um pensamento sistemático que não cultivam. Efectivamente, será antes na tradição de um pensamento que combina de forma muito original a literatura (da poesia ao ensaio) com a mais genuína inquietação filosófica, preferindo o género textual ensaístico, que Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço encontrarão o seu modo próprio de pensar e de se expressar. Filhos assim de um estilo que poderíamos designar 'ibérico' de se situar entre a filosofia e a literatura, mas definitivamente implicados na cultura no que ela tem de mais filosófico, metafísico, político, pedagógico e artístico, ambos se podem considerar produto de uma 'sensibilidade racional' que combina, de maneira particular e extremamente individualizada, razão e emoção poética. Em ambos não podemos deixar de notar quanto o pensamento simbólico está primeiro e tem mesmo um lugar não só perscrutador, mas até genético e criador do real.

E por aqui se ficam os principais pontos de contacto entre ambos, no que diz respeito ao género de reflexão que produzem. É que, alguns dos seus pontos de partida metafísicos e até ontológicos não podem deixar de nos remeter para paragens completamente diferenciadas e até opostas, que terão as mais fundas consequências nas respectivas análises face ao real, olhares sobre o mundo e até propostas político-culturais específicas, distintas e mesmo contrárias. Referimo-nos, em primeiro lugar, ao facto de enquanto para Agostinho da Silva a unidade do real e do pensamento que sobre ele se debruça não estar nunca em causa, para Eduardo Lourenço é na cisão trágica do eu consigo próprio, e deste com o mundo, que se encontra o ponto de génese de toda



sua reflexão filosófica. Parafraseando o que já foi dito sobre Miguel Torga, seríamos tentados a afirmar que também Agostinho da Silva ‘é homem feito de uma peça só’ e, deste ponto de vista, a sua obra encontra-se ainda intocada pela profunda e corrosiva crise da pós-modernidade. E, quando dizemos intocada, não queremos afirmar que terá ignorado tal situação cultural, filosófica ou existencial, mas tão-só que a não considerou precisamente porque o seu universo filosófico e cultural constituiu ele próprio já um modo de ultrapassagem e superação dessa mesma crise.

Pelo contrário, a obra de Eduardo Lourenço consiste em reconhecer e aprofundar essa ‘ferida no coração dos homens’, que em primeiro lugar recolhe na obra de Fernando Pessoa e que o pensamento pós-moderno tem exaustivamente tratado. Em consequência, não é de estranhar que a leitura que ambos fazem sobre Fernando Pessoa seja também diferenciada: onde Eduardo Lourenço vê múltiplos ‘Pessoas’ (e aí radica, para ele, o verdadeiro interesse poético e metafísico da ‘aventura Pessoa’), Agostinho da Silva encontra ‘Um Fernando Pessoa’ (Silva, 2002). De resto, ambas as perspectivas são a este propósito inconciliáveis, o que é afirmado muito claramente por Lourenço na recepção que fez ao livro de Agostinho da Silva publicado no Brasil em 1959, num texto que envia para *O Comércio do Porto*, mas cuja publicação vê recusada por abordar um autor não grato ao regime de então. Acabará por conseguir publicá-lo em 1960 na revista *Colóquio* (Lourenço, 1960) e, mais tarde, em 1983, no volume *Poesia e Metafísica* sob o título ‘Um Extra-Ordinário Fernando Pessoa’ (Lourenço, 1983).

Uma análise detalhada deste ensaio poderá ajudar-nos a esclarecer a distância a que verdadeiramente as duas obras se encontram, sublinhando agora onde, para além de aspectos meramente biográficos ou etnográficos, elas se distinguem seguindo para paragens absolutamente diversas. Tal movimento, detectamo-lo logo no ponto de génese de cada uma delas, em aspectos que lhe são absolutamente centrais e fundadores. É pela pena do próprio Eduardo Lourenço que a diferença fica marcada: a leitura que Agostinho da Silva faz de Fernando Pessoa constitui uma ‘sublime distorção’ (p.236) ou mesmo uma ‘distorção no sublime’ (p.237) de que o próprio autor se dá conta ao intitular o seu texto ‘Um Fernando Pessoa’, o que na opinião de Lourenço pode ter diversas interpretações: que outros haverá conforme os diversos intérpretes, que este é o seu (de A. Silva) ou que este seria o primeiro. Mas afinal, pela leitura do conteúdo das páginas de A. da Silva concluímos antes que todos os possíveis ‘Fernandos Pessoa’ (falamos, obviamente dos heterónimos) são afinal ‘Um Fernando Pessoa’. Ora, é nisto que consiste a ‘verdadeira inocência’ (p.236) de Agostinho da Silva, «porque se pôde oferecer assim, como o garoto do conto de Andersen, à passagem das verdades falsamente multicolores, uma verdade simples e profunda repousou unida no centro do seu espelho de bolso» (p.236).

Para Lourenço uma tal unidade recolhida em Fernando Pessoa advém mais do pensamento uno e totalizador do intérprete do que da cosmovisão do interpretado: «Leibnizianamente falando, só uma totalidade cerrada em si mesma e ao mesmo tempo misteriosamente de acordo com todas as outras tem o privilégio de cantar a idêntica canção em linguagem diversa. A visão de Agostinho da Silva é, de algum modo, essa mónada e por isso lhe é co-natural o privilégio de reflectir como um todo, do seu ponto de vista, o mundo de Pessoa. Somente, sucede que este famoso mundo foi e é, na obra, um combate jamais ganho por essa totalidade inexequível. Nesse universo calcinado as cinzas apelam à árvore imortal, mas dela só nos é presente a prodigiosa ausência» (pp. 236/237).



Refira-se, no entanto, que esta visão de Agostinho da Silva comove Eduardo Lourenço e «(...) dilacera os que contemplam o lugar vazio da rosa de fogo que não foi senão por breve instante de sonho a rosa mística do sonho paradisíaco, de nós todos enfim reconciliados connosco mesmos pelos séculos dos séculos» (p.237). Sublinha ainda Lourenço o quanto em si, a interpretação de *Mensagem* levada a cabo por Agostinho da Silva é penetrante, simbolicamente coerente, com uma configuração clássica e uma sobriedade formal absolutamente singulares. Para além disso, Lourenço aplaude o não-academismo de Agostinho da Silva e aprecia-lhe o facto de a sua interpretação de Pessoa ser a de «um homem por outro, quer dizer, uma compreensão activa apostada, a cada instante a fazer prevalecer a vida sobre a morte» (op. cit. p.241).

Porém, não pode deixar de reconhecer que ele promove a leitura mítica de Pessoa à ‘verdade real’, uma interpretação que é transfiguração, onde a angústia, o tédio e ausência de sentido próprios do universo pessoano são ignorados, porque subsumidos à importância primordial e quase exclusiva de *Mensagem e Fernando Pessoa* como exclusivamente ‘Poeta-profeta’ do Portugal futuro, o que acaba por transformar a obra na sua totalidade. Por isso, conclui Eduardo Lourenço, «nós estamos no mesmo universo, nós estamos próximos como não o podíamos estar em outras visões que de Pessoa não haviam colhido a secreta liturgia da Luz que sua tenebrosa Noite apela com acentos de insuportável angústia, mas nós estamos nos pólos fraternalmente opostos de uma mesma esfera» (pp. 237/238).

2 – IDENTIDADE, CULTURA PORTUGUESA E PENSAMENTO UTÓPICO

Se a leitura da obra de Fernando Pessoa coloca algumas reservas a Eduardo Lourenço (embora o texto a que nos temos vindo a referir possa dar azo ao que já foi designado como um ‘quase-equívoco argumentativo’ (Magalhães, 2006) dada a muito complexa e subtil estrutura a que obedece), já a sua postura ética e de cidadania lhe merece o maior aplauso e admiração. Sublinhando o quanto Agostinho da Silva «é um espírito ético e não estetizante» (Lourenço, 1983:239) Lourenço valoriza a espécie de nacionalismo para que a sua obra aponta, por se afastar da «interpretação nacionalista banal e [d]a interpretação crítica comum (...), atmosfera que Agostinho da Silva ajuda a desfazer-nos sem renegar, nem a exigência estética, nem o nacionalismo do conteúdo». Pelo contrário, prossegue Lourenço, «o seu comentário eleva o debate a plano mais alto, exactamente àquele plano em que *Mensagem* se situa e por nele se situar nos interessa de indelével maneira» (ibidem).

Ora o que interessa a Eduardo Lourenço é também, pelo menos desde *Portugal como Destino* (Lourenço, 1999), o V Império pessoano, não numa acepção messiânica ou em função de uma qualquer teleologia histórica, mas enquanto verdade simbólica que tal utopia institui e proclama no seio da cultura portuguesa. Ponto de chegada de uma reflexão cultural e filosófica no domínio do simbólico que acaba por, naturalmente, aproximar (embora um tanto tardiamente) Eduardo Lourenço e Agostinho da Silva nas suas prospectivas visões utópicas para a Cultura Portuguesa, com a ressalva de que em Lourenço o cuidado de não extrapolação da verdade simbólica para o plano da factualidade histórica é extremo, evitando-se assim sistemática e cuidadosamente os perigos do essencialismo identitário. Feita esta (importantíssima) ressalva, bem se poderia dizer que Fernando Pessoa os separou e Fernando Pessoa, de certa forma, os uniu.



Não queremos, no entanto deixar de sublinhar como ambos se distanciam no modo de reflectir sobre a cultura e a identidade portuguesa. Se para Agostinho da Silva «cada povo é o que é mesmo antes de o ser. (...) depende apenas de encararmos o futuro como passado ou o passado como futuro» (Machado, 1998:90), para Eduardo Lourenço não é aceitável, como acabámos de sublinhar, uma visão essencialista da identidade cultural portuguesa. As críticas que a este respeito formula a Teixeira de Pascoaes (Lourenço, 1999), aplicar-se-iam na perfeição a Agostinho da Silva. Na verdade, no âmbito da concepção de tempo e temporalidade de Eduardo Lourenço, que em última análise se filia em *Ser e Tempo* de Heidegger (Heidegger, 1986), nenhuma das dimensões do tempo pode ser negada como dimensão essencial ao próprio ser (Baptista, 2003). Deste modo, apenas no âmbito de uma percepção existencial que fosse possível fora do tempo, quer dizer, a divina – ou, na linguagem tão do agrado de Agostinho da Silva, a do Espírito Santo – seria aceitável a negação do futuro como o ainda a vir, imprevisível e incerto, irredutível ao passado como tal. Assim, se em Lourenço o tempo é fonte de interrogação metafísica, angústia e tédio, em Agostinho da Silva a temporalidade é uma noção a ultrapassar, pois para lá da cisão trágica que o tempo institui, está a unidade do Espírito Santo. Também aqui as diferenças entre os dois autores são flagrantes: enquanto o autor de *O Labirinto da Saudade* nos apresenta uma reflexão essencialmente trágica, no sentido grego e pré-socrático do termo, tal como Nietzsche procurou compreendê-lo, Agostinho da Silva instala-se no pólo diametralmente oposto, porque assumidamente não trágico, porém, mais do que isso, melhor se definiria como abertamente amoroso, ou mesmo erótico na sua relação de laivos franciscanos com a Natureza e, de resto, com o Todo.

3 – CULTURA PORTUGUESA, IBÉRICA, EUROPEIA E LUSÓFONA

Surpreendentemente, Agostinho da Silva ainda na década de 30 e Eduardo Lourenço já em 1940 revelam ainda uma outra faceta em comum, muitíssimo clara nos textos que fazem publicar na *Seara Nova*, mas presente em muitos outros ensaios desta época. Referimo-nos, claro está, a António Sérgio, cuja inspiração encontramos em textos de A. da Silva, como por exemplo ‘Da Imitação de França’ (Silva, 2002) e ‘Carta aos Patriotas sobre o Patriotismo’ (Silva, 2002). Em Lourenço, como já tivemos oportunidade de salientar noutra lugar (Baptista, 2003) e (Baptista, 2000), é em textos como ‘Europa ou o Diálogo que nos Falta’ (Lourenço, 1949) ou ‘Literatura e Simplicidade de Espírito’ (Lourenço, 1948) ou ainda ‘Nada – Um Invulgar Romance Espanhol ou a Metafísica que um Romance-Suporta’ (Lourenço, 1948) que a presença sergiana mais se faz sentir. Todavia, essa seminal presença transmutar-se-á noutra coisa em ambos: um pensamento simbólico em primeiro lugar, mas místico e até messiânico em Agostinho da Silva, enquanto em Eduardo Lourenço ele adquirirá ressonâncias metafísicas e míticas.

De facto, nem um nem outro permanecerão embevecidos ou até fascinados pela Europa central, científica e tecnológica, realidade que em dado momento usam, sob a batuta sergiana, mas sobretudo ainda presos ao fascinante universo poético e crítico de Antero de Quental. Em Agostinho da Silva, como já alguém disse, o seu pensamento ‘tropicalizar-se-á’ e rapidamente a cultura europeia, e nela a portuguesa, serão vistas de outro modo: a primeira como extrínseca, ou pelo menos exterior, ao todo



histórico-cultural que é a Península Ibérica e a segunda cada vez mais lida em função do Brasil, da África lusófona ou do Oriente onde os portugueses descobridores deixaram as suas marcas. Também Eduardo Lourenço passará progressivamente a uma reflexão sobre a Cultura Portuguesa e a Cultura Europeia nos termos da consideração de, pelo menos duas europas, uma das quais ibérica, ou mais latamente católica, contra-reformista e mediterrânica, na qual a cultura portuguesa e ibérica passariam a adquirir foros de dignidade ‘europeia’, legitimando uma outra ‘razão’, a nossa, não estritamente científica, tecnológica e racionalista, mas afectiva, mítica e religiosa (Lourenço, 1988).

Coincidindo ambos, deste modo, na revalorização das culturas portuguesa e ibérica no contexto de uma Europa múltipla culturalmente diversa (o que em ambos não foi, originalmente, um dado adquirido), não revelam a mesma coincidência de pontos de vista no que se refere à Lusofonia ou à possibilidade de constituição de uma ‘cultura lusófona’. Não sendo aqui o lugar próprio para dissecar esta temática (tarefa que se levará a cabo noutra lugar, cotejando razões, argumentos e fundamentações), não podemos deixar de assinalar como a obra e o pensamento de Eduardo Lourenço são tendencialmente europeístas (e crítica da lusofonia – cf. (Lourenço, 1999)) e a de Agostinho da Silva eminentemente atlântica e lusófona. Sublinhe-se ainda a indelével marca que em ambos produziu a passagem pelo Brasil e pela América Latina: breve no caso de Eduardo Lourenço, permitiu-lhe compreender melhor a cultura europeia (sobretudo o seu núcleo central, a cultura francesa) em contraponto com a cultura sul-americana; estadia longa e mesmo imersão total, no caso de Agostinho da Silva, rasgou-lhe todo um horizonte de compreensão da cultura portuguesa como essencialmente lusófona (cf. entre muitos outros (Silva, 2002)) revivificada no velho/novo V Império (Silva, 2002) e até, finalmente, coincidência de toda a cultura consigo própria (Borges, 2006).

4 – O HETERODOXO E O PARADOXO

Marginal, intimamente ‘ex-cêntrico’, místico ‘sulfuroso’ e natural, optimista de tendências anarquistas, voluntarioso e utópico que recusa o trágico, assim descreve Eduardo Lourenço a figura de Agostinho da Silva em 1995. E acrescenta: « (...) Agostinho da Silva (...) revestiu [-se], com todos os sinais da autenticidade, das conotações de um verdadeiro símbolo e até herói da Contra-Cultura. Ou melhor, de qualquer coisa mais rara que não vive da negação, mesmo a mais fundada (...), mas da transcendência do cultural, da vitória sobre ele quando se olha todo o seu imponente império, não como mera poesia da sandália dos deuses, mas com a inocência de uma criança que acaba de abrir os olhos para o Universo e a sua gratuita magnificência» (Lourenço, 1998:17).

Na verdade, por se tratar de um pensamento que procura não viver da negação (embora não esteja isento de um pendor constantemente crítico), mas da afirmação, entendia Agostinho da Silva que a heterodoxia poderia ser vista como a constante oposição a uma qualquer ortodoxia, preferindo por isso o domínio do paradoxo, quer dizer, da instauração de uma verdade difícil, ambígua e desafiante. Por isso, se atentamos ao que entendia o autor de *Um Fernando Pessoa* por paradoxo facilmente reconhecemos aí o conceito tão marcadamente lourenceano de heterodoxo, este recolhido



e sempre utilizado pelo autor do *Labirinto da Saudade* no sentido etimológico mais original e radical do termo. Não será portanto aí que deveremos procurar as diferenças entre ambos, nem sequer no valor da acção eticamente condicionada para instaurar a utopia que cada um nos propõe. Será antes no modo pelo qual aborda o mundo, o compreende e age nele: partindo ambos de um profundo enraizamento e mesmo amor pela cultura portuguesa, Agostinho da Silva olha o mundo de um modo essencialmente virginal, afirmativo e uno, «(...) alguém que sonha o quer e quer o que sonha», pois nele «o que não é ainda funda o que é» (Lourenço, 1983:233); enquanto Eduardo Lourenço reconhece nesse mesmo mundo a cisão, o múltiplo e o seu carácter essencialmente trágico e provocatório, mundo que plasma numa obra absolutamente clarividente e pouco dada a complacências e, talvez por isso, insuportável e terrivelmente lúcida.

BIBLIOGRAFIA:

- BAPTISTA, M. M. (2000) “‘Ossos Para o Dia de Amanhã Roer’: Eduardo Lourenço e a ‘Inteligência Portuguesa’ nas Décadas de 40 e 50” (2000), *Ciclo de Colóquios - Gente da Guarda*, Guarda, C. M. d., Guarda: Câmara Municipal da Guarda
- BORGES, P. (2006) “Pensador do Terceiro Milénio”, J.L. - *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 923, 15 de Fevereiro: 14-15
- LOURENÇO, E. (1999) *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa: Gradiva
- LOURENÇO, E. (1999) *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa: Gradiva
- Machado, L. (1998) *A Última Conversa - Agostinho da Silva*, Lisboa: Editorial Notícias, 6ª
- MAGALHÃES, M. T. (2006) “Lourenço, Agostinho da Silva e Pessoa: a Proximidade Transposta em Distância ou um ‘Quase-equívoco’ Argumentativo.” (2004), *Eduardo Lourenço - Estudos*, (ed.), M. M. B., Maia: Ver o Verso
- SILVA, A. d. (2002) “Carta aos Patriotas sobre Patriotismo” (1930), *Ensaios sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira*, Lisboa: Círculo de Leitores: 181-185
- SILVA, A. d. (2002) “Considerando o Quinto Império” (1960), *Ensaios sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira*, Lisboa: Círculo de Leitores: 249-260
- SILVA, A. d. (2002) “Da Imitação da França” (1930), *Ensaios sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira*, Lisboa: Círculo de Leitores: 173-179
- SILVA, A. d. (2002) “Presença de Portugal” (1962), *Ensaios sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira*, Lisboa: Círculo de Leitores: 119-139
- SILVA, A. d. (2002) “Um Fernando Pessoa” (1959), *Ensaios sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira*, Lisboa: Círculo de Leitores: 89-117
- BAPTISTA, M. M. (2003) *Eduardo Lourenço: A Paixão de Compreender*, Porto: ASA
- LOURENÇO, E. (1949) “Europa ou o Diálogo que nos Falta” (1949), *Heterodoxia I*, Coimbra: Coimbra Editora: 17-44
- LOURENÇO, E. (1983) “Um Extra-Ordinário Fernando Pessoa” (1960), *Poesia e Metafísica - Camões, Antero, Pessoa*, Lisboa: Sá da Costa Editora: 233-244
- LOURENÇO, E. (1988) “Nós e a Europa ou as Duas Razões” (1988/2/9), *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda: 51-65
- LOURENÇO, E. (1999) “Portugal Como Destino: Dramaturgia Cultural Portuguesa” (1998/9), *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa: Gradiva: 7-83
- HEIDEGGER, M. (1986) *Être et Temps*, (Trad. Vézin), Paris: Gallimard
- LOURENÇO, E. (1998) “Um Homem Extra-ordinário” (1995/3/7), *A Última Conversa - Agostinho da Silva*, MACHADO, L., Lisboa: Notícias Editorial, 6ª edição: 11-19
- LOURENÇO, E. (1948) “Literatura e Simplicidade de Espírito” (1948/3/27), *Seara Nova*, nº 1078, 27 de Março: 161-163
- LOURENÇO, E. (1948) “Nada - Um Invulgar Romance Espanhol ou a Metafísica que Um Romance Suporta” (1948/6/12), *Seara Nova*, nº 1098, 12 de Junho: 97-99
- LOURENÇO, E. (1960) “Um Fernando Pessoa” (1960), *Colóquio. Revista de Artes e Letras*, nº 10, Outubro: 68-69



ÍNDICE

Prefácio	7
Paulo Borges	
Introdução	11
Renato Epifânio	
Agostinho da Silva, Pedro	15
<i>Agostinho da Silva – sua englobante face política.</i>	
Alonso Dieguez, Julia	25
<i>Racionalidad poética y utopía en Agostinho da Silva.</i>	
Baptista, Maria Manuel	61
<i>Uma fraterna oposição: Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço na cultura portuguesa.</i>	
Belo, Natércia Duarte	69
<i>Agostinho da Silva: a traição da História.</i>	
Borges, Paulo	73
<i>Metanóia, samadhi e o mundo a haver. Re-volução espiritual e metamorfose civilizacional em Agostinho da Silva.</i>	
Braz Teixeira, António	91
<i>Agostinho da Silva e o pensamento russo: algumas convergências e afinidades.</i>	
Briosa e Mota, Helena/ Conceição Azevedo, Maria	99
<i>As Palestras radiofónicas de Agostinho da Silva.</i>	
Cabral, Mário	113
<i>Ordo Amoris: elogio da retórica.</i>	
Cândido Franco, António	119
<i>Nótula sobre o Quinto-Império em Agostinho da Silva.</i>	
Cândido Pimentel, Manuel	125
<i>Agostinho da Silva e a Teologia do Espírito Santo.</i>	
Carmo, Luís	131
<i>Do Amor, de Tudo e de Nada (teatro pobre).</i>	
Castro Henriques, Mendo	137
<i>Agostinho da Silva e Bernard Lonergan: uma aproximação.</i>	
Costa Carvalho, Magda	145
<i>Como “cada momento do mundo é mais rico e complexo do que o anterior”: Agostinho da Silva e Henri Bergson.</i>	
Coutinho, Maria João/ Cristea, Simion Doru	153
<i>O Homem, o Presente do Futuro.</i>	
Croce Rivera, Jorge	161
<i>Vivência e temporalidade no pensamento de Agostinho da Silva.</i>	



Domingues, Joaquim	175
<i>Agostinho da Silva "brasileiro".</i>	
Drumond Braga, Duarte	181
<i>Notas outras sobre o Deus Menino: Agostinho, o Poema VIII e Pascoaes.</i>	
Epifânio, Renato	189
<i>Agostinho da Silva: para uma "filosofia da cultura portuguesa"</i>	
Feitais, Paulo	203
<i>Ser um poeta à solta: programa interior para a mudança do mundo.</i>	
Ferreira, João	217
<i>Um filósofo humanizante da cultura.</i>	
Ferro, Bruno	223
<i>Agostinho da Silva e as saudades do futuro.</i>	
Freitas Branco, João Maria de	231
<i>Do valor da ciência para um pensador-humorista.</i>	
Gama, José	245
<i>Agostinho da Silva e o essencial da cultura portuguesa.</i>	
Gama, Manuel	249
<i>Agostinho da Silva: o homem e o seu porvir.</i>	
Hennrich, Dirk	255
<i>O que é isto – a filosofia? Agostinho da Silva e as Sete Cartas a um jovem filósofo.</i>	
Jácomo Ferreira, António	261
<i>Agostinho da Silva ou o iberismo planetário: a problemática do "conhecimento íntimo".</i>	
Manso, Artur	267
<i>Nacionalismo e patriotismo no jovem Agostinho da Silva.</i>	
Marcondes César, Constança	267
<i>Agostinho da Silva e a construção do mundo do Espírito.</i>	
Marinho, Cristina	281
<i>O amador na coisa amada: notas acerca de "A Comédia Latina" de Agostinho da Silva.</i>	
Mattos e Silva, Rosa Virgínia	289
<i>"Bárbaros à porta": uma reflexão histórica sobre a língua portuguesa no Brasil da atualidade.</i>	
Mendonça Teles, Gilberto	297
<i>A Filosofia de Agostinho da Silva na Criação de Centros de Estudos no Brasil.</i>	
Moreira, Adriano	311
<i>Agostinho: o milagre da multiplicação dos corpos.</i>	
Natário, Celeste	317
<i>A arte de viver em Agostinho da Silva.</i>	
Oliveira Martins, Guilherme de	321
<i>A lição pedagógica de Agostinho da Silva.</i>	
Pereira, Paula Cristina	323
<i>Viver o Universo. A aprendizagem significativa da origem comum do pensável.</i>	
Pereira de Carvalho, Isaque	331
<i>Teologia e Mito-Poiética da História em Agostinho da Silva.</i>	



Pinharanda Gomes, Jesué	339
<i>Agostinho da Silva na Escola Portuense.</i>	
Pinho Davi, Amon	349
<i>O pensamento político do jovem Agostinho da Silva.</i>	
Real, Miguel	399
<i>Afinidades entre o pensamento de Agostinho da Silva e o de Natália Correia.</i>	
Reis, José Eduardo	409
<i>A genealogia do pensamento utopista de Agostinho da Silva.</i>	
Rodrigo, Lino / Cruz Almeida, Isabel	421
<i>Agostinho da Silva, anos 80/90, Torre de Belém.</i>	
Russo, Cinzia	425
<i>O sentido messiânico de Portugal e o mundo a haver.</i>	
Santiago Naud, José	431
<i>Deus e Liberdade em Agostinho da Silva.</i>	
Serrado, Joana	435
<i>O feminino de/em Agostinho da Silva.</i>	
Siewierski, Henryk	441
<i>Brasil, país do futuro: segundo Stefan Zweig e Agostinho da Silva.</i>	
Silva, Carlos H.C.	449
<i>"A nossa mente olha o Eterno e o faz Tempo": do ritmo do pensar segundo Agostinho da Silva.</i>	
Sinde, Pedro	463
<i>Santidade: a reintegração dos seres criados segundo Agostinho da Silva.</i>	
Sirgado Ganho, Maria de Lourdes	471
<i>O escultor de si próprio.</i>	
Soveral e Paszkiewicz, Cristiana de	477
<i>O problema da educação em Agostinho da Silva.</i>	
Telmo, António	483
<i>Agostinho da Silva e os Titãs.</i>	
Valente Pinho, Romana	487
<i>Da Lucidez e da Emotividade: considerações de Agostinho da Silva e de António Sérgio acerca do Futuro de Portugal.</i>	
Apêndice:	
Agostinho da Silva no ano do seu Centenário	497
Amândio Silva	
Programação Geral do Centenário de Agostinho da Silva	504

